

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS- ICEAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO-PPGA**

SIMONE SILVA PORTO MACHADO

**AS PRÁTICAS DE VOLUNTARIADO E RESILIÊNCIA NAS EMERGÊNCIAS
CLIMÁTICAS**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Maffini Gomes

Contato:
Simone Machado: smachado964@gmail.com
53-999330283

1. INTRODUÇÃO

O conceito sobre as mudanças climáticas está gradualmente em evidência por ser um tema emergente e relevante pois, quando ocorre os desastres climáticos não só a fauna e a flora são afetadas porém, causa danos onde em diversas vezes são irreparáveis a toda uma estrutura socioeconômica das cidades acometidas pelos sinistros climáticos, entretanto, se busca mitigar os os riscos a esses acontecimentos (Longo et al., 2018; Pinotti, 2025). No entanto, em relação aos desastres climáticos é importante frisar sobre o cumprimento das responsabilidades por parte do Estado e a participação social na formulação de mitigação de riscos nas respostas aos desastres ambientais. (Puzyreva, K. et al, 2022).

No contexto brasileiro, os desastres climáticos relacionados a enchentes estão associados ao grande volume de chuvas, construções em locais irregulares perto de zonas ribeirinhas. (Jacobi et al, 2013).Ademais, ao explanar sobre os desastres que se compreende sobre as enchentes pluviais são resultados das alterações ambientais causando impactos de extensa magnitude nas vidas dos cidadãos, principalmente para as vítimas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. (Azizi et al, 2022).

O Rio Grande do Sul, é um estado brasileiro localizado ao sul do país, entretanto, no mês de maio do ano de 2024, a localidade passou por cenários de catástrofes climáticas por causa das enchentes pluviais. Evidentemente, os gaúchos passaram por momentos desafiadores, pois, cidades, localidades e bairros inteiros ficaram submersos (Longo et al., 2018). No entanto, o enfoque central dos trabalhos eram compostos pelo Estado juntamente com a participação cidadã através das Organizações não governamentais-ONG's e os voluntários autônomos e essa participação social foi crucial para uma atuação efetiva a áreas atingidas pelo sinistro e essa operação se estendeu a diversas áreas, por exemplo, área da saúde, auxílio nos reparos e reconstruções de moradias, transporte de gêneros alimentícios e transporte e distribuição de vestuário e esses atores sociais obtiveram extrema relevância nas respostas efetivas nas ações ágeis no atendimento às vítimas. (Camparoto et al., 2025).

Além disso, no que diz respeito às pessoas que proporcionam uma parcela do seu próprio tempo para ajudar outros indivíduos sem objetivo monetário são chamados voluntários. (Carvalho et al, 2021). Desse modo, no contexto das emergências climáticas a o trabalho voluntário foi fundamental pois, através da ONG Cruz Vermelha, foi possível ter vários voluntários em diversos locais estratégicos de maneira simultânea durante as

enchentes (Longo et al, 2018), conseqüentemente, os esforços coletivos nas buscas e resgates, ações chamadas de força tarefa foram factíveis na agilidade dos atendimentos nas urgências e emergências hospitalares. (Rosa et al. 2025). No que se refere ao processo de resiliência, o voluntariado é uma das peças-chave visto que participaram dando suporte, porém sem tirar a responsabilidade dos governantes sobre o acontecido. (Grant e Langer, 2021).

Portanto, elaboração de um plano para captar voluntários é necessariamente importante e isto é realidade em diversos países que sofrem com as mudanças climáticas, por exemplo, Estados Unidos, Itália e Nova Zelândia, utilizam o conceito da Community-Based Risk Reduction (CBRR), Redução de Risco Baseada na Comunidade na qual engloba a participação dos governos junto às comunidades locais para as formações sobre os planos de mitigação de riscos, entender o know-how dos moradores e tem o objetivo dos cidadãos atuarem como multiplicadores, ou seja, prepara a localidade para os desastres onde cada indivíduo saberá o que fazer baseado em sua expertise. (Wolff,2021;LE DÉ et al, 2024).

Além do mais, esta pesquisa está diretamente ligada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável-ODS de número 17, o qual está inserido na Agenda 2030 das Organizações das Nações Unidas-ONU, essa diretriz explana sobre os meios de implementação evidenciando as parcerias intersetoriais nas seguintes esferas: público, privada e sociedade civil e se destaca a gestão de recursos humanos sustentáveis (ONU,2023). Contudo, o objeto de estudo dessa pesquisa é relativo às organizações formais de voluntários no Rio Grande do Sul.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O tema o sobre voluntariado é de extrema importância para o campo científico pois, principalmente, nas situações dos eventos climáticos podem afetar diversas pessoas ao mesmo tempo de maneira abrupta, e uma das necessidades essenciais por parte do Estado é acionar as instituições voluntárias para auxiliarem a população local no que é necessário durante as calamidades (Longo et al, 2018; Camparoto, 2025; Bier et al, 2023). Portanto, as pesquisas sobre as práticas de voluntariado presentes na literatura, contribuem diretamente na compreensão dos contextos onde há a atuação desses indivíduos.(Aslan & Tuncay,2025). Contudo, a motivação dos voluntários na perspectiva individual durante o desastre, inegavelmente, é o desafio discorrido com mais frequência nos estudos apurados(Bier, 2023;Azizi et al., 2022). Porém, há lacunas presentes nos trabalhos que precisam ser exploradas, ou seja, a dificuldade de manter os voluntários nas instituições formais é uma problemática para as organizações com enfoque na captação de voluntários. Diante do

exposto, os trabalhos das autoras Tabolka(2011) e posteriormente Trindade (2020), abordam desafios da gestão das organizações voltadas ao voluntariado e trazem a importância de desenvolver protótipos organizados principalmente na preparação de projetos para mitigar possíveis problemas acometidos pela instituição. Assim, se estruturou a seguinte pergunta de pesquisa:Quais as práticas de voluntariado, suas motivações, desafios e contribuições praticadas pela gestão das ONG 's para o fortalecimento da resiliência climática nas comunidades gaúchas?

1.2 OBJETIVOS

A seguir, estão evidenciados os objetivos que irão direcionar o desenvolvimento deste estudo.

1.2.1. Objetivo geral

Analisar as práticas de voluntariado, suas motivações, desafios e contribuições praticadas pela gestão das ONG 's para o fortalecimento da resiliência climática nas comunidades.

1.2.1.1 Objetivos Específicos

- a) Analisar os desafios e as motivações das práticas de voluntariado na percepção da gestão das ONG 's voluntárias.
- b) Identificar as principais contribuições das práticas de voluntariado no fortalecimento da resiliência climática nas comunidades.
- c) Compreender os desafios, as motivações e contribuições do voluntariado no fortalecimento da resiliência climática.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa é importante porque pretende analisar instituições voluntárias formais. Ademais, para a literatura e as ações dessas organizações são estruturadas de maneira estratégica (Trindade,2020). Assim, a atuação formal se dá somente através do ingressos dos indivíduos nas instituições não governamentais devidamente registradas (Langer & Grant,2021; Neumann et.al, 2018), entretanto, na situação dos indivíduos informais, são pessoas autônomas que voluntariam de maneira autônoma somente pela motivação de ajudar o próximo (Carvalho et al., 2021). Portanto, salienta-se que, dada a relevância do papel do voluntariado, precisa-se de uma investigação mais acurada interligando as nuances teórica e empírica de forma a compreender o campo a ser estudado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mudanças climáticas e voluntariado.

As mudanças climáticas é um tema no qual vem sendo discutido internacionalmente, e é um tema emergente e se dá por questões advindas das constantes alterações no clima e a considerável emissão de gases como CO² na atmosfera, estão entre os fatores responsáveis pelo aumento da temperatura em nosso planeta(Longo et al, 2018).

Ademais, o autor Solomon et al (2007) juntamente com outros autores seminais na pesquisa sobre o clima, desenvolveram uma pesquisa para o grupo de trabalho no Intergovernmental Panel Climate change em 2007, sobre as transformações climáticas, explica no relatório Solomon et al (2007, p.2): “Mudanças na abundância atmosférica de gases de efeito estufa e aerossóis, na radiação solar e nas propriedades da superfície terrestre alteram o balanço energético do sistema climático”.

Além disso, os combustíveis fósseis e a emissão de poluentes pelas indústrias na atmosfera podem contribuir para os desastres climáticos severos (IPCC,2023). Os desastres naturais não são enfrentados somente pelos brasileiros, no entanto, Estadunidenses, Australianos, Neozelandeses e diversos cidadãos de outras partes do mundo são impactadas pelos desastres ambientais onde suas vidas, moradias, localidades e cidades são devastadas nas catástrofes(Le Dé et al,2024; Puzyreva,2025). O relatório do I Intergovernmental Panel on Climate Change do ano de 2023, aborda sobre os principais causadores dos gases do efeito estufa e traz a responsabilidade para a ação humana no que diz respeito a poluição na camada de ozônio, porém há o desafio de diminuir pela metade a emissão de gases poluentes, a níveis mundiais, pela metade até 2030 (Calvin K et al, 2023). Portanto, estes efeitos ocorrem de forma negativa e corroboram diretamente para desastres naturais acontecerem, por exemplo, as enchentes, terremotos, ondas de calor, baixa qualidade do ar, tsunamis etc. (Longo et al, 2018).

De acordo com Marengo(2024 p. 5):

A mudança do clima não é justa. Apesar de afetar a todos, a distribuição dos impactos é desigual – a população marginalizada em seus direitos sociais, econômicos, culturais, políticos e institucionais é mais vulnerável aos efeitos climáticos.

Diante do exposto neste fragmento se pode compreender que mudanças climáticas impactam diversos setores da sociedade e isso influencia diretamente na qualidade dos commodities e da água, ou seja, nos principais recursos naturais para manter a sobrevivência humana onde em muitos casos de comunidades em vulnerabilidade socioeconômica a situação é agravada no caso de desastres ambientais (Azizi et al., 2022).

No entanto, as modificações acarretadas pelos sinistros ambientais, em na grande maioria das vezes são irreparáveis, a título de exemplo, os terremotos, os incêndios florestais, os furacões, o ciclone extratropical e as enchentes pluviais estão entre as razões que causam danos irreversíveis à natureza e a sociedade impactada (Calvin K, 2023). Especificamente, as enchentes pluviais são exemplos dessas alterações do meio ambiente e causam grandes impactos nas vidas dos cidadãos, principalmente para as pessoas em vulnerabilidade socioeconômica. (Azizi et al, 2022). No contexto brasileiro, os desastres climáticos relacionados a enchentes estão associados a erosão do solo, construções em lugares irregulares e edificações perto das zonas ribeirinhas, ou seja, construções de bairros e cidades em locais inapropriados. (Jacobi et al, 2013). Não obstante, se pode compreender que há possibilidades de mitigar os riscos ocasionados pelas enchentes e/ou outras catástrofes e um desses exemplos são ações propostas que envolvem as comunidades locais nos esforços para os processos de preparação para um possível desastres até mesmo a mitigação desses riscos (Lovell et al.,2024).

Sendo assim, o Community Based on Risk Reduction- CBRR é uma medida na qual consiste na compreensão sobre as comunidades a nível local, e mapeia os moradores com o objetivo de analisar expertises de cada indivíduo, para entender como cada um pode colaborar na mitigação dos desastres e essas capacidades estão atreladas aos conhecimentos e habilidades dos cidadãos formando a ao multiplicadores no repasse das noções a respeito da mitigação de riscos e da redução de danos nos acontecimentos catastróficos ocorridos naquela localidade (LE DÉ et al, 2024). Outrossim, essa ideia promove a interligação entre sociedade civil e Estado na busca de respostas efetivas antes, durante e depois dos desastres.

Conseqüentemente, nesta variável estão inclusos o voluntariado os quais são peça-chave para que seja assertivo o intuito de obter agilidade, porque, o Estado não consegue sozinho sem o auxílio da participação social (Camparoto, 2025). Sendo assim, o conceito de voluntariado está sendo discutido dentro da área da participação social, por exemplo, os voluntários ambientais (Environmental volunteering) são um tipo de

voluntariado que oferece alternativa para o envolvimento das pessoas para atuar em ações como: conservação de hortas, preservação da natureza e são voltados para os temas de sustentabilidade e repercute consideravelmente nas mais diversas áreas nas quais esses indivíduos agem. (Feeney,2024). Contudo, há também os voluntários voltados para ações climáticas o qual evidencia o comprometimento desses cidadãos em ajudar as comunidades deles na adaptação e no desenvolvimento de resiliência nas mudanças climáticas. (Kamuruko, 2024).

2.2. As ONGs e as práticas de voluntariado.

Além disso, as organizações não governamentais desempenham um papel relevante na organização das diretrizes na mitigação dos riscos climáticos (Le dé, 2024) e são classificadas como organizações de Terceiro Setor [...]que tem como objetivo gerar serviços de caráter público que ainda não foram atendidos pelo Estado. (Tabolka,2011). As ONG 's atuam em diversas áreas da sociedade, principalmente, na assistência às pessoas desassistidas pelo Estado (Azizi et al., 2022).As Organizações Não Governamentais de acordo com Trindade(2020, p. 71):

se concretizam como espaços de organização civil e política, onde indivíduos podem se associar, pensar, debater e promover ação social e impactar a vida em sociedade, extrapolando a ação individual e local do voluntariado em direção à ideia coletiva de sociedade, se aproximando do conceito de cidadania.

De acordo com o que foi citado anteriormente, pode-se entender o papel dessas instituições sociais, onde o papel individual dos atores passa a ser coletivo de modo a proporcionar assistencialismo à população necessitada, conseqüentemente, o voluntariado começa com a motivação dos agentes (Trindade, 2020).

Algumas práticas de voluntariado descritas na literatura são: os bombeiros voluntários, os voluntários atuantes no transporte, os voluntários espontâneos ou informais. Os bombeiros voluntários em alguns artigos atuaram nos conceitos de redução de riscos para a comunidade (Lé Dé et al., 2024) e (Wolf, 2021); os voluntários formais em desastres climáticos desempenham o papel crucial no processo de mitigação de riscos em relação aos desastres. (Kamukuro, 2024). Os voluntários espontâneos atuam diretamente na limpeza de sedimentos, porém podem atuar em diversas áreas como saúde, trabalhar nos abrigos e

oferecer serviços de manutenção e estão presentes desde a fase inicial do ocorrido até a fase final, ou seja, nas reconstruções das moradias das vítimas. (Grant & Langer, 2021).

2.3. As contribuições voluntariado no processo de resiliência

A revisão sistemática de literatura foi realizada em uma etapa prévia e os resultados apontaram algumas variáveis importantes sobre a gestão na resposta aos acontecimentos, planejamento urbano, resiliência, desafios e benefícios são exemplos de contribuições encontradas na literatura, em uma análise prévia proveniente de uma revisão sistemática de literatura feita pela autora. Portanto, as pessoas que fazem a gestão das ONGs possuem relevância na tomada de decisão sobre a sustentabilidade dos voluntários e também para auxiliar processos estratégicos e a preocupação com o desenvolvimento de uma comunicação transparente entre os envolvidos na parte estratégica e os cidadãos. (Le Dé et al., 2024).

Ademais, o planejamento urbano percebe a adaptação das cidades no processo de avaliação da reconstrução durante as emergências climáticas. (Longo et al., 2018). Dessa forma, a resiliência no contexto do voluntariado em emergências climáticas faz com que esses atores participem ativamente da reconstrução e reintegração das vítimas a suas residências e retornem a vida cotidiana. (Rosa et al., 2018). Porém, há de se destacar nos resultados também foram encontrados desafios e entre eles estão a retenção de voluntários, o papel governamental na integração com a sociedade civil e as vítimas mais afetadas são as que se encontram em vulnerabilidade social. (Duijndam, 2023; Carvalho et al., 2021).

Dessa maneira, entre os benefícios encontrados estão: o engajamento da comunidade nas questões sociais e a integração da esfera social como um todo. (Feeney, 2024; Rosa et al., 2018), entretanto, há discrepâncias nas ideias e cenário estudados pelos autores, por exemplo, no cenário de (Bier et al., 2023) explica sobre enchentes já no contexto de (Mifsuda et al., 2019) do incêndios florestais, ou seja, os protocolos para esses desastres são diferentes e também a duração do voluntariado para (Mifsuda et al., 2019) não há rotatividade de voluntários assim como tem nos estudos de Bier(2023), pois os voluntários espontâneos agem quando ocorre o sinistro.

O processo de resiliência pode ser entendido a partir de algumas esferas, por exemplo, a resiliência social a qual parte do princípio a interação dos indivíduos partindo de um cenário social e também a resiliência comunitária que tem o enfoque direto na promoção dos aspectos das locais e solução dos percalços as quais as pessoas que fazem parte perpassam, ou seja, está contida no grupo resiliência social (Kirby,2024). Assim, o

voluntariado colabora diretamente com o processo de resiliência comunitária, social e climática. Além do mais, os autores Pérez-Arévalo et al.(2024) trazem pontos sobre a resiliência climática que explora um escopo mais abrangente nas cidades americanas, ao contrário de Lovell traz o enfoque particular sobre os ciclones nas localidades litorâneas. Porém, em países como a Austrália, pode ser citado como exemplo quando o assunto é resiliência porque as entidades estatais e os atores sociais trabalham em conjunto e seguem princípios basilares como o da autossuficiência e a responsabilidade compartilhada sendo relevantes em áreas multidisciplinares como gestão dos riscos, sustentabilidade, logística, etc (Neumann, 2018).

3. METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos compreendem uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória apoiada em (Denzin;Lincoln,2006: Yin, 2016). A utilização da análise de conteúdo de Bardin(2006). Nesta pesquisa, as entrevistas semi estruturadas darão suporte no aprofundamento sobre o objeto de estudo. A primeira etapa compreenderá a partir da análise das entrevistas com alguns gestores das ONG 's voluntárias situadas no Rio Grande do Sul.

4. REFERÊNCIAS

ASLAN, H.; TUNCAY, T. Advancing and sustaining volunteerism: Investigating the multifaceted challenges and obstacles to volunteer engagement. **Analyses of Social Issues and Public Policy**, v. 23, n. 3, p. 724–751, 1 dez. 2023.

AZIZI, Koorosh et al. Integrated community-based approaches to urban pluvial flooding research, trends and future directions: A review. **Urban Climate**, v. 44, p. 101237, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.uclim.2022.101237>. Acesso: 22 abr. 2025.

BIER, M. et al. **Spontaneous volunteers and the flood disaster 2021 in Germany: Development of social innovations in flood risk management**. Journal of Flood Risk Management. **Anais...**John Wiley and Sons Inc, 1 mar. 2023.

CAMPAROTO, C. W. et al. **ATUAÇÃO VOLUNTÁRIA EM ABRIGO DE EMERGÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://abras..org.br/enchentes-no-rio-grande-do-sul-desafios-para-a-saude-publica>. Acesso 22 abr.. 2025

DEZIN., Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 432 p. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/863>. Acesso em: 02 abr. 2025.

DUIJNDAM, S. J. et al. A look into our future under climate change? Adaptation and migration intentions following extreme flooding in the Netherlands. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v. 95, 1 set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2023.103840> 21 abr.2025.

GRANT, A.; LANGER, E. R. (LISA). Wildfire volunteering and community disaster resilience in New Zealand: institutional change in a dynamic rural social-ecological setting. **ECOLOGY AND SOCIETY**, v. 26, n. 3, out. 2021.

JACOBI, P. R.; MOMM-SCHULT, S. I.; BOHN, N. Ação e reação. Intervenções urbanas e a atuação das instituições no pós-desastre em Blumenau (Brasil). **Eure**, v. 39, n. 116, p. 243–261, jan. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262430551_Acao_e_reacao_Intervencoes_urbanas_e_a_atuacao_das_instituicoes_no_pos-desastre_em_Blumenau_Brasil. Acesso em: 10 Jul.2025.

KIRBY, N. Strengthening community resilience through participation – a conceptual exploration. *Environmental Sociology*, v. –, p. 1–16, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23251042.2025.2479666>. Acesso em: 26 out. 2025.

LE DÉ, Loïc et al. How can practitioners support citizen volunteers in disaster risk reduction? Insight from “Good and Ready” in Aotearoa New Zealand. **International Journal of Disaster Risk Science**, v. 15, n. 3, p. 374-387, 2024. Disponível em: [10.1007/s13753-024-00563-9](https://doi.org/10.1007/s13753-024-00563-9). Acesso em: 23 abr. 2025.

LONGO, Danila et al. Resilient cities: Mitigation measures for urban districts. A feasibility study. **International Journal of Sustainable Development and Planning**, v. 13, n. 5, p. 734-745, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.2495/SDP-V13-N5-734-745>. Acesso em: 23 abr. 2025.

LOVELL, S. et al. Evaluating an equity-focused approach to assess climate resilience and disaster priorities through a community survey. **PLoS ONE**, v. 19, n. 6.0, 1 jun. 2024. Disponível em: [10.1371/journal.pone.0302106](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0302106) Acesso em: 02 de junho de 2025.

MARENGO, Jose A. Impactos sociais dos eventos climáticos extremos. **Ciência e Cultura**, v. 76, n. 3, p. 01-08, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20240068>. Acesso em: 15 Set.2025.

PINOTTI, Fernanda. **Aquecimento global ou mudança climática? Entenda a diferença.** Disponível em: Aquecimento global ou mudança climática? Entenda a diferença | CNN Brasil. Acesso em: 02 mai.2025.

PUZYREVA, Kseniia et al. Professionalization of community engagement in flood risk management: Insights from four European countries. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v. 71, p. 102811, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2022.102811>. Acesso em: 23 abr.2025.

ROSA, Priscila Bárbara Zanini et al. Climate catastrophe in Rio Grande do sul, Brazil: impact of strategic actions in response to flooding. **BMC Research Notes**, v. 18, p. 56, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XEN114424>. Acesso em: 22 abr. 2025.

Yin, R. (2016). Métodos de coleta de dados (Capítulo 6, p. 115-137). In: Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso

WOLFF, E. The promise of a “people-centred” approach to floods: Types of participation in the global literature of citizen science and community-based flood risk reduction in the context of the Sendai Framework. *Progress in Disaster Science*, v. 10, 1 abr. 2021.